

A Problemática da Ascensão de uma Nova Estrela numa Constelação Mundial Americana*

João Vicente

Tenente-Coronel Piloto Aviador. Docente do Instituto de Estudos Superiores Militares, doutorando em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Resumo

A confirmação da propensão para a mudança de um momento unipolar para uma era pós-americana não significa a decadência da hiper-potência, mas antes de mais uma ascensão de actores regionais com aspirações globais. O momento de unipolaridade, com clímax após o 11 de Setembro, caracterizado por muitos observadores como breve, não foi suficientemente longo nem eficaz para lidar com a assimetria desmesurável entre os problemas que confrontam a humanidade e os recursos e instituições disponíveis para os enfrentar.

Neste ensaio, sustentamos que a ascensão de novas potências, em particular a China, irá induzir duas transformações nas Relações Internacionais. Em primeiro lugar, confirmar a transição definitiva de um momento unipolar para uma distribuição de poder multipolar. Em segundo lugar, esta mudança irá obrigar a uma renovada proposta de acção estratégica no sentido de restaurar e legitimar a liderança global americana.

Abstract

The Problematic of a Rising New Star in an American World Constellation

The confirmed transition from a unipolar moment to a post-American era does not imply the decay of the hyper-power, but instead, the rise of regional actors with global aspirations. The unipolar moment, with its climax after September 11, characterized by many observers as swift, was not long enough or effective in dealing with the asymmetry between the disparity of the problems confronting humanity and the resources and institutions available to address them.

In this essay, we argue that the rise of new powers, particularly China, will spur two transformations in International Relations. First, it will confirm the definitive transition from a unipolar moment to a multipolar distribution of power. Secondly, this change will require a renewed proposal for a strategic action in order to restore and legitimize America's global leadership.

* Artigo adaptado do ensaio sobre Problemáticas em Relações Internacionais no âmbito do Ciclo de Estudos de Doutoramento em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

“The United States faces a complex and uncertain security landscape in which the pace of change continues to accelerate. The distribution of global political, economic, and military power is becoming more diffuse. The rise of China, the world’s most populous country, and India, the world’s largest democracy, will continue to shape an international system that is no longer easily defined – one in which the United States will remain the most powerful actor but must increasingly work with key allies and partners if it is to sustain stability and peace.”

Quadrennial Defense Review Report
February 2010

Introdução

A confirmação da propensão para a mudança de um momento unipolar para uma era pós-americana não significa a decadência da hiper-potência, mas antes de mais uma ascensão de actores regionais com aspirações globais. O momento de unipolaridade, com clímax após o 11 de Setembro, caracterizado por muitos observadores como breve, não foi suficientemente longo nem eficaz para lidar com a assimetria desmesurável entre os problemas que confrontam a humanidade e os recursos e instituições disponíveis para os enfrentar. Estes factores obrigam a potência dominante a aplicar uma aproximação cada vez mais multilateral para resolver os desafios estratégicos do momento: três guerras¹ sem fim à vista, a crise económica e o endividamento externo, as alterações climáticas ou as pandemias, para além da possível emergência de competidores estratégicos.

Neste âmbito, sustentamos que a ascensão de novas potências, em particular a China, irá induzir duas transformações nas Relações Internacionais. Em primeiro lugar, confirmar a transição definitiva de um momento unipolar para uma distribuição de poder multipolar. Em segundo lugar, esta mudança irá obrigar a uma renovada proposta de acção estratégica no sentido de restaurar e legitimar a liderança global americana.

Para testarmos estas hipóteses teremos que observar alguns indicadores de poder nacional, de forma a revelar uma propensão para alteração na distribuição de poder e um esvaziamento do estatuto hegemónico dos Estados Unidos da América (EUA). Neste suposto futuro multipolar, o estatuto de hiper-

1 Entenda-se a Guerra no Iraque, no Afeganistão e a Guerra Global contra o Terrorismo.

-potência² americana será contestado pela ascensão de proto-competidores globais, em particular da China. Competidor global será definido como uma potência que disponha de poder multidimensional, que tenha capacidade de o exercer de forma coordenada para alcançar os objectivos políticos e que esteja disposta a desafiar o *status quo* e as regras de um sistema internacional arquitectado pela potência hegemónica.³

Os Catalisadores da Mudança: o Choque entre a Geopolítica e a Globalização

As aproximações teóricas sobre as Relações Internacionais são visões simplificadas e incompletas de uma realidade demasiado complexa para ser sintetizada por uma teoria una. Nesse sentido, assistimos actualmente a um choque entre a geopolítica e a globalização. Por um lado, o peso do relacionamento histórico entre o poder e o espaço (Defarges, 2003, p.65), e a ligação entre a geografia e a política realça a importância da acumulação de espaço territorial como sinónimo de poder (Dougherty e Pfaltzgraff 2003, p. 195). Haushofer, ideólogo da geopolítica nazi, advogou a criação de eixos continentais como forma de fortificar as posições hegemónicas.⁴ Em contraposição, a escola de Mahan defendia a exploração do mar como meio privilegiado de comunicação para controlar o comércio e com ele o poder mundial. Este confronto entre a “roda” e o “remo” tem movido discussões entre os defensores das potências continentais e marítimas. Por outro lado, a globalização, onde a multiplicidade de interligações entre as sociedades e os próprios indivíduos, permite a partilha de serviços, produtos e acima de tudo informação e conhecimento, o verdadeiro poder da nova era. Nesta fase de globalização actual destacam-se três componentes essenciais: a liberdade de circulação de capitais à escala planetária, o investimento directo internacional e o forte crescimento do comércio internacional (Ribeiro, 2009).⁵ Esta “dependência mútua irreversível” aumenta exponencialmente os custos dos conflitos bélicos. No entanto, o paraíso de “uma nova era de crescimento económico global através de mercados e comércio livres” (United States of America, 2002),⁶ e a rivalidade geoestratégica decorrente

2 Expressão original *hyperpuissance* atribuída ao ex-ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Hubert Vedrine, para definir o domínio americano numa ordem pós-Guerra Fria, em todas as áreas de poder nacional (político, económico, militar, cultural, etc).

3 A definição de *peer competitor* provém de Szayna, 2001, p. 7.

4 Entre os teóricos mais proeminentes do poder continental incluem-se Mackinder e Spykman.

5 Uma discussão mais abrangente sobre as diferentes perspectivas de globalização, seus efeitos e metodologias de estudo foi apresentada por Rodrigues e Leal, 2009.

6 Um dos itens da Estratégia Nacional de Segurança dos EUA de 2002.

dos interesses nacionais das grandes potências, por muito que queiramos, não são compatíveis. Partilhamos, então, uma perspectiva onde a competição irá ocorrer até que a Guerra – outro dos instrumentos para moldar a ordem global – decida o contrário (Khana, 2008, p. xix).

Após o sucesso incontestável da Guerra do Golfo em 1991 parecia não existir alternativa, ou sequer contestação possível, à globalização, economia de mercado e democracia liberal (Fukuyama, 1999).⁷ Estávamos a viver um verdadeiro momento unipolar.⁸ Verificamos no entanto, que o princípio de um movimento de afirmação absoluta de poderio unipolar, globalmente apoiado,⁹ para compensar o trauma e a vulnerabilidade dos ataques de 11 de Setembro, tem-se vindo gradualmente a esbater num ocaso de poder dos EUA. A guerra do Afeganistão tornou-se naturalmente no ápex deste momento unipolar, focalizando e acelerando o rumo fundamental dos EUA. Como sua antítese, a invasão do Iraque constituiu-se como a última guerra da unipolaridade, pondo em causa os princípios da legitimidade internacional (Gaspar, 2008). Independentemente da estratégia adoptada, tal como Pearl Harbour conduziu a um papel duradouro no Extremo Oriente e Europa, também o 11 de Setembro conduzirá a uma presença militar duradoura no Golfo Pérsico e na Ásia Central, redefinindo o contexto geoestratégico mundial (Kagan, 2003).

Em resultado destes efeitos verifica-se também uma percepção internacional de fragilidade americana (Moreira de Sá, 2009) que decorre de factos materiais e morais. Ao nível material reflecte os limites ao emprego da força decorrentes da ineficácia do esforço militar em duas frentes. Em segundo lugar, a fragilidade moral sucede da crise de legitimidade internacional que pôs em causa a condição excepcional americana. O excepcionalismo americano alastrou para além do paradigma da virtude republicana e da indispensabilidade dos EUA para incluir uma circunstância de excepção perante a lei (Ruggie, 2003). Por exemplo, a recusa de ratificação do protocolo de Kyoto ou do acordo sobre o Tribunal Penal Internacional, ou ainda a adopção de uma postura de guerra preventiva contra o Iraque revelam esta faceta. Esta visão de uma América no século XXI como uma superpotência pária drenou muito do encanto dos seus valores.¹⁰

7 Francis Fukuyama sustenta que não existe alternativa política à moderna democracia liberal, o que poderá indicar o fim da evolução ideológica humana.

8 Para uma análise das diversas posições sobre a distribuição de poder no sistema internacional ver Gaspar, 2008 e Almeida, s.d.

9 Lembra-se o editorial do jornal “Le Monde” de 12 de Setembro de 2001 onde se podia ler “*Nous sommes tous américains*”.

10 Para uma análise acerca da estratégia americana ver Kane, 2006.

A perspectiva de diminuição do estatuto hegemónico dos EUA é suportada pela análise de diversos autores. Segundo Fareed Zakaria, nos últimos 500 anos assistimos a três mudanças tectónicas na distribuição de poder: a ascensão do mundo ocidental com início no século XV até ao século XVIII, a ascensão dos EUA desde o final do século XIX e, nas últimas décadas a “ascensão do resto” (Zakaria, 2008). Nesta visão das Relações Internacionais, estamos a assistir à ascensão dos outros, em particular da China, Índia, Rússia, Brasil assim como a crescente influência da União Europeia (UE). Assim, a interdependência de três níveis de poder internacional tem vindo a transformar as Relações Internacionais num jogo de xadrez tridimensional (Nye, 2005, p. 58):¹¹ o unilateralismo do poder militar dos EUA; o multilateralismo do sistema económico ocidental; e o transnacionalismo assente na influência de organizações internacionais, não-governamentais, redes terroristas, etc. Esta variação de distribuição de poder de um momento unipolar para um mundo policêntrico poderá ser uma hipótese extrema.

Parece-nos então que a combinação dos factores em apreço conduz a que a distribuição de poder no sistema internacional se desenvolva, primordialmente, num triângulo com vértices em Washington, Bruxelas e Pequim.¹² A delimitação geométrica desse triângulo (ou transformação noutra forma de distribuição de poder) irá com certeza variar com a competição, hostil ou não, que se venha a verificar entre os actores do sistema internacional. A possibilidade de escalada de competição decorrente do antagonismo de interesses, poderá levar, em casos vitais, a despender “sangue e tesouro”. É neste ambiente internacional híbrido, onde se digladiam as leis da selva e da razão, que se vislumbram alterações tectónicas na distribuição de poder. A constatação de um futuro multipolar levanta então algumas questões cruciais: a ascensão de novas potências será pacífica? o poderio militar da

11 Estamos cientes das críticas acerca da prolixidade da nomenclatura, e inexactidão conceptual, sobre a caracterização da distribuição de poder no sistema internacional. No entanto, considerando os raios de acção dos vários poderes existentes e as dimensões de poder nacional, encontramos defensores de um mundo unipolar, bipolar, multipolar ou uni-multipolar, com uma única potência global envolvida em jogos de contenção múltipla com potências regionais.

12 Relativamente ao papel da Europa (União Europeia) enquanto actor internacional poderemos considerar que ela é uma potência internacional. Fazemos esta afirmação amparados pela capacidade que a UE tem de gerir crises. Apesar de nem sempre o efectuar com sucesso, a Europa tem sempre manifestado a sua propensão para intervir no contexto internacional. E a crescente multilateralização do sistema internacional tem acrescentado novos pólos em que a Europa se afirma. Após o fim da Guerra Fria, a Europa tem adquirido uma dimensão continental que faz com que deixe de ser um subsistema do sistema Ocidental. Com o estatuto regional, aspira a torná-lo também no plano global (neste momento tem-no apenas na vertente económica). Uma discussão mais detalhada sob perspectivas históricas e teóricas foi efectuada por Teixeira, 2010.

super-potência impedirá uma confrontação com as potências em ascensão? É por isso importante percebermos os possíveis pontos de ignição deste relacionamento, aquilatando eventuais mudanças geoestratégicas que decorrem da ascensão da China.

A Ascensão de uma Nova Estrela numa Constelação Mundial Americana

É deste choque entre a geopolítica e a globalização que emergem novas potências, ocupando nichos de poder e drenando suavemente o poder hegemónico dos EUA. O estatuto internacional dos EUA tem ocorrido genericamente segundo três metáforas: “lone wolf”, “hegemon” e “empire”. Procura proteger a “caverna”, o oceano e o mundo. Para além disso podemos agrupar os seus interesses em três níveis de importância crescente: interesses periféricos, nacionais e vitais. Estes últimos serão aqueles pelos quais a nação deverá estar disposta a despende “sangue e tesouro”. Concomitantemente, a política de um estado estará dependente duma trindade de valores (democracia, capitalismo, comércio livre), interesses (recursos naturais, liberdade de navegação, etc.) e da personalidade política dirigente (presidente, ministro da defesa, etc.). Considerando que a política de um Estado visa influenciar o comportamento dos outros actores, então a articulação destes triângulos estratégicos ao longo da história é suportada pelo emprego das suas fontes de Poder Nacional.

Entenda-se o Poder Nacional (PN) como um conjunto organizado de forças materiais (Fm) e anímicas (Fa) que um Estado pode utilizar contra um antagonista com vista a contrariar a sua resistência ou a sua oposição, a fim de realizar os objectivos a que se propõe. Se pudesse ser expresso matematicamente: $PN = Fm \times Fa$.¹³ O conceito de instrumentos do poder é uma classificação abrangente de um conjunto de capacidades e técnicas que estão disponíveis aos actores internacionais para concretizarem os seus objectivos. Para simplificarmos o discurso utilizaremos a panóplia de instrumentos de poder nacional agrupados no acrónimo DIME – Diplomático, Informacional, Militar e Económico. Neste enquadramento, a super-potência irá orquestrar os seus instrumentos de poder no sentido de estabelecer um cenário que

13 Outras formas de expressar esta relação de Poder Nacional e de Instrumentos de Poder incluem: *Hard Power x Soft Power* (Joseph Nye); *Smart Power* (Joseph Nye); DIME (Diplomático, Informacional, Militar, Económico); PMESII (Político, Militar, Económico, Social, Informação, Infra-estruturas). Quaisquer que sejam os acrónimos, eles retratam um conjunto de forças tangíveis e intangíveis, materiais e morais, duras e suaves, ao dispor de um país ou aliança, para coagir ou seduzir um adversário.

evite a emergência de qualquer outro actor que ponha em causa a sua supremacia. Para apurarmos a magnitude de uma possível mudança, interessa perspectivar de que forma é que este conjunto de instrumentos será orquestrado por uma potência emergente como a China. Começaremos pela vertente mais óbvia, a económica.

Perspectiva Económica

A China, uma nação isolada, está a transformar-se num Estado globalizado com a maior plataforma de produção mundial e o maior mercado emergente. O acompanhamento desta transformação fará as delícias dos pensadores deste século. A globalização despertou a China como um comerciante e investidor global. Apenas três anos depois da entrada na Organização Mundial do Comércio, a China tornou-se no terceiro maior comerciante global (Zhang, 2005).¹⁴ Em 2007 ultrapassou os EUA, tornando-se no segundo maior exportador, a escassos anos de ultrapassar a Alemanha (World Trade Organization, 2009, p. 12).¹⁵ Em 2009 confirmaram-se essas previsões, com a China a alcançar a liderança de exportador mundial (Atkins e Dyer, 2010).¹⁶

Actualmente, a China é o segundo parceiro comercial da UE (atrás dos EUA) e a maior fonte de importação europeia (ultrapassando os EUA). Por outro lado, a UE é o maior parceiro comercial da China (European Commission, 2010).¹⁷ Normalmente, o fluxo de capital flui de economias mais maduras para aquelas que são emergentes mas, actualmente, o capital parece fluir dos mercados emergentes, e neste caso da China para os EUA e mais recentemente para a Europa, com a aquisição da dívida pública de países da UE. Como resultado deste potencial de manufactura e exportação, a China com mais de 2,39 triliões de USD em reservas cambiais (Anderlini, 2010), ultrapassou os EUA como maior credor mundial, alternando com o Japão o título de maior detentor de instrumentos da dívida externa americana, ajudando a subscrever o maior défice fiscal da história dos EUA (Rappeport, 2010).¹⁸ Esta relação

14 O total de comércio em 2004 atingiu 1,1 trilião de dólares, ultrapassando o Japão.

15 Em 2008 a China detinha 8,9% das exportações mundiais enquanto a Alemanha liderava com 9,1%. Os EUA eram terceiros com 8% de quota.

16 A China destronou a Alemanha como maior exportador mundial no final de 2009.

17 À semelhança do que acontece com os EUA, destaca-se o deficit comercial em favor da China. A UE exportou para a China em 2008 €78,4 biliões de produtos, tendo importado nesse período €247,6 biliões.

18 Desde Setembro de 2008 a China é detentora da maior parte dos títulos de tesouro americanos. Em Dezembro de 2009 perdeu essa posição para o Japão que possuía à data mais de 768 bUSD.

simbiótica da super-potência com uma potência regional, que não é um mercado aberto ou uma democracia, poderá alterar-se de forma drástica e com repercussões globais, quando os chineses “tirarem o cartão de crédito” aos EUA.

Comparando outros indicadores, podemos constatar que a China está a ultrapassar os EUA como país consumidor de recursos alimentares, energéticos e industriais, com a exceção do petróleo, onde os americanos registam um consumo duas vezes superior (World Energy Organization, 2010).¹⁹ No entanto, se considerarmos o consumo global de energia, verificamos que a China, em 2009, já ultrapassou os EUA. Partindo desta constatação, o cenário prospectivo da Agência Internacional de Energia estima um aumento de 75% nas necessidades globais de energia da China entre 2008 e 2035 (World Energy Organization, 2010).

Um rácio semelhante está reflectido nos valores de Produto Interno Bruto dos dois países. No entanto, considerando que em termos demográficos a China é quatro vezes maior que os EUA, a assimetria de rendimentos *per capita* é bastante maior (World Bank, s.d.).²⁰ Apesar da crise económica global, a China apresenta indicadores bastante acima dos restantes países, registando um crescimento do produto interno bruto em 8,45% (Fedec, 2010). A manter-se esta tendência de crescimento, a ultrapassagem da economia dos EUA poderá ocorrer previsivelmente nas próximas duas décadas (Rosling).²¹

No entanto, a sustentação deste crescimento apenas poderá ser feita com um reequilíbrio da economia através de uma maior ênfase no consumo interno e nos serviços em detrimento do investimento e indústria (Dally e Al-Arief, 2009). Por isso, a ameaça real reside na possibilidade de desestabilização da economia global através da continuação de desequilíbrios cambiais, inadequação das práticas de comércio, ou a competição hostil por recursos naturais. Reflexos destes sintomas estão a emergir na realidade internacional. Uma das explicações para os severos desequilíbrios económicos que conduziram à crise global pode ser atribuída ao ciclo vicioso entre os efeitos da liquidez financeira chinesa e as necessidades de financiamento da economia americana (US-China Economic and Security Review Commission, 2009). Assim, o excesso de liquidez da China permitiu financiar o

19 Em 2009 a China consumiu diariamente mais de 8,2 milhões de barris de petróleo apenas superada pelos EUA que consumiram mais de 18,7 milhões de barris diários. U.S. Energy Information Administration. A procura de petróleo continuará a crescer, alcançando o consumo global de 99 milhões de barris diários em 2035.

20 Em 2009, o Produto Interno Bruto mundial atingiu 58.228 bUSD. Os EUA foram responsáveis por 14.256 bUSD enquanto a China alcançou 4.984 bUSD. Relativamente ao rendimento *per capita* no mesmo período, os EUA obtiveram 46.436 USD enquanto a China se ficou pelos 3.744 USD.

21 Alguns autores avançam o nivelamento dos rendimentos *per capita* até 2048.

maior gastador e mutuário mundial, os EUA, assegurando a manutenção de créditos de alto risco. Por outro lado, o aumento das exportações chinesas contribuiu com mais reservas cambiais que sustentam este ciclo vicioso.

Por outro lado, o apetite devorador por energia leva as grandes potências a competirem por recursos energéticos. A combinação de aumento demográfico e escassez de recursos naturais poderá elevar a fogueira para o nível de conflitualidade hostil. Por exemplo, o continente africano assiste já a um jogo de xadrez geopolítico entre a China e os EUA. Actualmente, a China importa 60% da produção do Sudão e rapidamente se aproxima dos EUA como o maior parceiro comercial do continente africano (China and U.S. Battle for African Oil "Intense", s.d.). Por exemplo, em 2006, Angola ultrapassou a Arábia Saudita como maior fornecedor de petróleo à China (Daly, 2008). Para além do petróleo, o interesse da China nos recursos minerais africanos pode constituir-se a médio prazo como uma fonte de conflito dado que os EUA são também dependentes do abastecimento de alguns minerais. Por outro lado, esta competição geopolítica e económica visa também obter uma parte significativa dos investimentos africanos nas áreas de infra-estruturas, transportes, educação etc. Para além da necessidade de assegurar o acesso a recursos energéticos, a China vê em África um mercado excelente para as suas exportações assim como o investimento em diversos países, como forma de garantir acesso aos mercados. Por exemplo a compra de fábricas de têxteis permite circunscrever as restrições europeias e americanas aos produtos chineses (Hanson, 2008).

A segurança energética pode ser vista segundo duas perspectivas: preço e abastecimento. Esta segurança de abastecimento é posta em causa por três vulnerabilidades geoestratégicas: a dependência do fornecimento do Médio Oriente, as linhas de comunicação marítimas em particular no Estreito de Malaca e a dependência de companhias marítimas transportadoras (Medeiros, 2009). A renovada presença americana no Médio Oriente após a Guerra do Iraque, a incapacidade naval chinesa de proteger os pontos de acesso vitais ao transporte marítimo e a insuficiência de uma frota de navios transportadores são motivos de preocupação. No sentido de minimizar possíveis disrupções ao abastecimento, a China tem procurado aceder a recursos energéticos geograficamente mais próximos e a abastecimentos por oleodutos (Xuegang, 2008).²² Se colocarmos estas pressões numa perspectiva de segurança de recursos, podemos facilmente compreender que o desenvolvimento da China estimule exponencialmente a procura e competição por recursos escassos,

22 Várias opções procuram reduzir a dependência do Estreito de Malaca para o abastecimento de petróleo. A construção de um oleoduto entre a China e Burma, uma linha ferroviária trans-asiática, um canal ou oleoduto no sul da Tailândia são algumas das alternativas.

provocando fricções entre os principais consumidores, para já não falar do aumento dos preços energéticos e de todas as actividades relacionadas com a sua produção e distribuição – como os transportes marítimos e a refinação (BP, 2009, p. 3).²³

Em suma, estas perspectivas, como todas as previsões, dificilmente ocorrerão nos períodos e moldes prospectivados. Independentemente da sua precisão, fornecem um sentido genérico da evolução futura. Vários acontecimentos inesperados poderão alterar drasticamente estes indicadores. Por exemplo, o agravamento da imposição de tarifas ao comércio dos produtos chineses poderá afectar a base de manufactura chinesa. As alterações climáticas poderão também afectar drasticamente o desenvolvimento chinês. Simultaneamente, a omnipresença da Guerra poderá transformar os fluxos económicos e comerciais. No entanto, com o crescimento do estatuto económico emergem crescentes indicadores de assertividade da China nos restantes instrumentos de poder nacional.

Perspectiva Diplomática e Política

A capacidade dos EUA estenderem temporalmente o momento unipolar pós-Guerra Fria provocou um abrandamento no sentido de um sistema multipolar. No entanto, os últimos anos têm confirmado a tendência irreversível de multipolaridade. Esta percepção afecta a formulação e execução política chinesa. As declarações de Hu Jintao, durante um congresso do partido, ao afirmar que “o progresso no sentido do mundo multipolar é irreversível” reflectem esta percepção (Medeiros, 2009, p. 28). A aceleração desta tendência, no sentido da multipolaridade, é sustentada pela recente crise financeira e declínio económico dos EUA, assim como o ressentimento internacional pelas constantes demonstrações unilaterais dos EUA. É neste contexto que a ascensão diplomática e política da China tem importância vital, sendo reflectida no aumento das trocas comerciais, financeiras e tecnológicas, que, por seu turno, geram influência política em organizações multilaterais assim como em relacionamentos bilaterais. Cada vez mais, a China é um actor imprescindível na resolução de conflitos regionais, como por exemplo na Coreia do Norte ou no Irão. Este aumento de influência permite à China moldar as regras internacionais em seu proveito. Por exemplo, no âmbito da Convenção das Nações Unidas sobre as Leis do Mar, a China defende o aumento da soberania sobre a zona económica exclusiva até às 200 milhas, incluindo o espaço marítimo, aéreo e mesmo espacial

²³ Em 2008, o preço do barril de petróleo foi, em média, 97,26 USD (ultrapassando os 144 USD em Julho e finalizando o ano na fasquia dos 40 USD em resultado da redução da procura).

(US Department of Defense, 2009, p. 19). Outro exemplo diz respeito à procura de um papel mais activo na formulação do enquadramento legal e político acerca da futura navegabilidade do Ártico (Jakobson, 2010).²⁴

O envolvimento da China na maioria dos *fora* internacionais tem por isso crescido com a sua estatura geopolítica. Veja-se o caso da cimeira de Copenhaga, onde a China fez valer os seus interesses juntamente com as economias emergentes do Brasil, Índia e África do Sul. Também este fórum demonstra as premissas de uma nova ordem mundial multipolar, dominada pelos EUA e pela China, mas onde novos actores e alianças impedem a hegemonia americana. A política externa chinesa procura por isso desgastar a influência americana, em particular na região da Ásia-Pacífico assim como a sua função hegemónica nas instituições internacionais.

A adopção do lema de “desenvolvimento pacífico” em detrimento de “ascensão pacífica” demonstra que os dirigentes chineses estão bem cientes dos problemas históricos associados à percepção hostil da ascensão de potências (Medeiros, 2009, p. 43). A visão chinesa de um ambiente global pacífico é a estratégia mais adequada para maximizar o seu crescimento. Assim se explica a preocupação em evitar conflitos que possam desestabilizar o seu desenvolvimento, como as disputas de fronteiras com a Índia e a Rússia ou a questão de Taiwan.

Adicionalmente, o estilo de política externa norteadada pela não interferência nos assuntos dos estados granjeia interesse dos parceiros africanos. A oferta de um pacote de ajuda financeira, tecnológica e apoio internacional torna-se extremamente apelativo para os parceiros da China. Dessa forma, o estabelecimento de acordos diplomáticos, económicos e militares ao arrepio do tipo de regime no poder permite à China uma maior capacidade de implantação no continente africano. Este incremento de credibilidade proporcionará à China a recolha de dividendos políticos, sob a forma de alianças em organizações internacionais ou tratamento preferencial em questões essenciais. Veja-se os casos recentes do reconhecimento da China por parte de alguns países da América Latina ou África relativamente ao diferendo com Taiwan ou com o Tibete. Seja em resultado de investimento económico na região ou pela atracção política de uma potência sem a carga colonial associada ao hemisfério ocidental, ou mesmo pelo desinteresse a que EUA votaram a região, a verdade é que este modelo de relacionamento bilateral promove os interesses da China.

24 A perspectiva de se poder navegar no Ártico durante os meses de Verão, em resultado das alterações climáticas que estão a ocorrer, reduzindo o tempo das rotas de navegação e aumentando o acesso a recursos naturais, irá ter consequências políticas, económicas e militares que poderão aumentar a probabilidade de conflitualidade hostil.

Perspectiva Militar

Os EUA mantêm a liderança nos gastos militares, mas também nas vendas de armamento.²⁵ Em 2008, os EUA mantiveram a liderança na tabela de vendedores de armamento, efectuando contratos no valor de 37,8 biliões de dólares (bUSD) (68.4% do total de vendas) (Grimmett, 2009 p. 3).²⁶ Nesse ano assistiu-se a um aumento de 4% nos gastos militares comparativamente ao ano anterior (e 45% relativamente a 1999), totalizando 1.464 bUSD, cerca de 2,4% do conjunto dos Produtos Internos Brutos. Durante os mandatos de George W. Bush, a despesa militar atingiu os valores reais mais elevados desde a Segunda Guerra Mundial, em parte devido à sustentação das guerras em curso. Excluindo os gastos suplementares aprovados pelo Congresso, os EUA mantiveram a liderança nos gastos militares totalizando 607 bUSD, 41% do valor mundial. No entanto, pela primeira vez, a China alcançou o segundo lugar com 84,9 bUSD e a Índia despendeu 30 bUSD.

Apesar dos EUA gastarem mais do que a combinação das despesas militares das potências em ascensão, verifica-se que estes indicadores reflectem um aumento da ambição em relação ao estatuto regional de cada potência. Alguns dos factores apontados para o aumento dos gastos com a defesa podem ser atribuídos à percepção das ameaças, aos objectivos da política externa associados com um incremento de participações em operações militares e de paz, e mesmo a abundância de recursos económicos. No entanto, os valores dispendidos com as forças armadas chinesas não possibilitam (ainda) índices de projecção de força que permitam uma estratégia expansionista.

Esta insuficiência de projecção de forças levanta algumas questões. O que fará a China se alguns dos seus interesses em África forem postos em causa, como por exemplo, nacionalizações de companhias petrolíferas no Sudão ou Nigéria ou massacres a cidadãos chineses com anuência dos governantes locais? Estará disposta a intervir militarmente para defender os seus interesses? Como reagiriam os EUA se a China enviasse um elevado contingente de tropas para um país africano? No entanto, também nesse campo a China consegue circunscrever o escrutínio internacional. De facto, quando uma companhia chinesa assinou um contrato para fornecer especialistas de defesa a Angola, em troco de fornecimento de petróleo, não se verificou nenhuma repercussão internacional. Esta tendência inovadora de emprego de empresas militares privadas permite evitar as restrições legais do uso

25 Salvo quando mencionado de outra fonte, os dados relativos às despesas militares foram retirados do Stockholm International Peace Research Institute, 2009.

26 A Itália com 3,7 bUSD e a Rússia com 3,5 bUSD ocuparam os lugares seguintes.

da força, consentindo que o estado patrocinador alcance os seus objectivos sem que seja responsabilizado pelas acções dessas empresas (Hammes, 2007, p. 18). Neste campo, verifica-se uma explosão global de empresas privadas, sendo o caso do Iraque o seu maior expoente. Por exemplo, em 2007, o contingente de forças militares privadas destacadas no Iraque excedia 126 mil, sendo a segunda maior força no teatro de operações (Scahill, 2007).²⁷

Vários exemplos demonstram que a China está a desenvolver uma aproximação militar mais musculada e assertiva que permita sustentar a ascensão e consolidação dos restantes instrumentos de poder nacional.²⁸ Como consequência, a linha ténue que separa o parceiro de um competidor estratégico dos EUA pode ser esbatida por episódios de tensão internacional. O bombardeamento da embaixada chinesa em Belgrado pelas forças da NATO em 1999, apesar de documentado oficialmente como “um erro trágico”, sempre foi considerado pelo governo chinês como um acto de afronta à sua soberania (Sweeney, Holsoe, e Vulliamy, 1999).²⁹ Dois anos depois, a colisão de uma aeronave americana, que efectuava uma missão de recolha de informações ao largo da ilha Hainan, com um caça chinês mostrou a possibilidade de um evento fortuito poder dar lugar a uma crise internacional.³⁰ Mais recentemente, em Março de 2009, cinco navios chineses cercaram um navio militar americano que efectuava vigilância e recolha de informações a 75 milhas da ilha Hainan, onde se encontra uma importante base de submarinos chineses (US Department of Defense, 2009, p. 16).

Estas manobras assertivas são sustentadas por um esforço abrangente de modernização militar. A transformação de capacidades inclui o desenvolvimento de mísseis balísticos de médio alcance, novos submarinos de ataque equipados com armamento avançado, sistemas de defesa aérea de longo alcance, capacidades de guerra electrónica e de ataque cibernético, aeronaves de última geração e sistemas anti-espaciais (U.S. Department of Defense, 2010, p. 31). A grande preocupação

27 Testemunho do impacto das empresas militares privadas perante o Congresso Americano (House Appropriations Subcommittee on Defense).

28 Para uma análise aprofundada e abrangente sobre as capacidades militares chinesas e o impacto na segurança e defesa dos EUA ver o estudo de Geis, 2009.

29 Relatos não confirmados oficialmente sustentam que a embaixada chinesa efectuava recolha de informações e retransmissão de comunicações em favor do exército de Milosevic. Em contrapartida da ajuda a Milosevic obtinham uma posição preferencial na negociação dos despojos de uma aeronave furtiva americana que tinha sido anteriormente abatida pelos sérvios.

30 A colisão entre um avião espião americano e um caça chinês em 1 de Abril de 2001 provocou a aterragem forçada do EP-3 em território chinês e a apreensão da aeronave e dos 24 tripulantes durante 10 dias. A aeronave foi desmantelada e os prisioneiros detidos e interrogados até que um pedido formal de desculpas fosse emitido pelo governo americano.

consiste na insuficiência de partilha de informações oficiais acerca do estado, abrangência e intenções do programa militar chinês.

Naturalmente, o forte crescimento do orçamento da defesa chinês sustentado por investimentos agressivos em tecnologias disruptivas, letais ou não, visam compensar a assimetria de poder convencional para com os EUA. Neste âmbito enquadram-se actividades recentes no domínio cibernético e espacial. À semelhança dos ataques informáticos atribuídos a *hackers* ligados à Rússia contra a Estónia, Lituânia e Geórgia, também a China se encontra sob suspeita (Harris, 2008; Kirk, 2008). O desenvolvimento de capacidades de guerra cibernética, espionagem militar e industrial parecem ter aumentado nos últimos anos. Em declarações perante uma comissão do Congresso, diversos peritos reportaram um aumento de casos de intrusões e espionagem informática em servidores do Departamento de Defesa americano, em particular no programa do avião F-35, e em sistemas críticos nacionais, como redes eléctricas, entidades bancárias, etc. (US Department of Defense, 2009, p. 16; Fulghum, 2009, p. 75).³¹ Estes exemplos provam que os EUA já estão sob ataque, e que as actividades em curso visam mapear as redes americanas enquanto são introduzidas aplicações maliciosas. Estamos por isso na antecâmara da guerra do futuro, onde a distinção binária entre a guerra convencional e irregular faz parte de um modelo desactualizado. Assim, pela dificuldade em atribuir responsabilidades acerca da origem e patrocínio dos ataques, a ambiguidade desta forma de combate impede a dissuasão, a retaliação e a resposta proporcional (McAfee Report 2008, p. 12-13).³²

Um dos melhores exemplos desta incerteza estratégica diz respeito ao desenvolvimento de capacidades anti-satélite com intuito de afectar um dos Centros de Gravidade americano: a dependência espacial (AJP 01 (C), 2006, p. 4-19).³³ Essa

31 Por exemplo, em 21 de Novembro de 2008, a rede do Pentágono foi infectada por um vírus que levou à proibição do uso de memórias portáteis.

32 No entanto, é difícil atribuir responsabilidade estatal por acções individuais. Segundo um relatório da McAfee, a maior empresa mundial dedicada a tecnologias de segurança informática, existe uma ideia errada acerca da origem da maioria dos ataques informáticos. Grande parte dos ataques é originada na mesma cidade onde se encontra o sistema afectado.

33 A contribuição dos recursos espaciais (GPS, satélites de vigilância, comunicações, etc.) para o sucesso dos conflitos actuais tornam o ambiente espacial como um Centro de Gravidade estratégico e uma área de interesse vital para os EUA. O conceito de Centro de Gravidade remonta à teorização de Clausewitz, funcionando como o centro de poder de onde tudo depende. Será por isso um ponto onde se devem concentrar todas as energias para derrotar o adversário. Este mesmo pensamento está plasmado na doutrina da NATO, onde o Centro de Gravidade é uma “característica, capacidade ou local a partir do qual uma nação, aliança, força militar ou outro grupo gera a sua liberdade de acção, força física ou vontade de combater”. Dada esta formulação, verificamos que a força militar, por si só, é incapaz de derrotar um CoG estratégico adversário. É, por isso, essencial que uma estratégia abrangente seja empregue onde todos os instrumentos do poder nacional possam ser orquestrados para desgastar a resistência adversária.

prova foi atestada pela China, em Janeiro de 2007 (três anos antes do previsto pelas agências de informações americanas), ao empregar um míssil para destruir um satélite em órbita, demonstrando a operacionalidade da capacidade ofensiva de negação espacial (Krepinevich, Martinage e Work, 2008, p. 35). Não será por isso descabido pensar que, em fases iniciais de possíveis conflitos, estas capacidades disruptivas nas dimensões informacionais e espaciais, sejam empregues para constringer a actividade e influência americana.

Perspectiva Informacional

Relégámos para o final da análise a vertente informacional por julgarmos que este é um instrumento de poder com efeitos transversais a todos os domínios de acção estratégica. A maioria dos exemplos em apreço é habilmente orquestrada pela China através de uma política de gestão de percepções e de decepção estratégica, onde a popular anátema das operações militares recentes sobre “ganhar corações e mentes” é elevada a um estatuto de política de comunicação estratégica. Esta dimensão do poder nacional, ao contrário da expansão económica e militar e da influência política é, no entanto, bastante mais subtil e culturalmente enraizada.

A tradição histórica de gestão da percepção e decepção estratégica por parte da China encontra-se bem documentada (Anderson e Engstrom, 2009). Sun Tzu considerava como talento supremo o domínio do inimigo sem recorrer ao uso da força (Tzu, 1963, p. 77).³⁴ Inúmeros métodos são aperfeiçoados no sentido de negar o acesso à informação, manipular dados, efectuar declarações políticas ambíguas ou mesmo operações psicológicas. Estas acções visam afectar a percepção de uma audiência ampla, condicionando o seu comportamento, desde a opinião pública global, até organizações e líderes de estados. Mas estas tradições históricas estão envoltas num manto de ambiguidade. Este tema prevalecente na cultura estratégica chinesa de não privilegiar o uso da força, pode não se verificar caso interesses vitais estejam em jogo (Johnston, 1998, p. 30). Ian Johnston justifica a inclinação histórica chinesa para uma estratégia de “flexibilidade absoluta” (*quan bian*) que revela a preferência por violência ofensiva em detrimento da defesa estática. Também Andrew Scobell sustenta que a cultura estratégica chinesa segundo um “culto de defesa” deve ser vista numa perspectiva de “defesa activa” que enfatiza a postura defensiva mas onde existe um esbatimento entre ofensiva e defensiva (Scobell, 2003, p. 193).

34 Na versão original: “To subdue the enemy without fighting is the acme of skill”.

Nessas ocasiões, o combate militar pode ser a única solução viável. Considerando a assimetria militar entre os EUA e China, verifica-se que a estratégia de “flexibilidade absoluta” ou *quan bian* remove as restrições políticas, militares ou morais que afectam as escolhas estratégicas, permitindo que o estratega escolha uma panóplia de acções que permitam alcançar os fins desejados (Johnston, 1998, p. 102). Esta incerteza e ambiguidade acerca das intenções estratégicas chinesas, bem como na magnitude da sua resposta, provocam na sociedade americana um trauma perceptivo acerca das reais intenções da política externa da China (Bunker, 2007).

Numa análise exaustiva sobre a política de informação chinesa, é demonstrado o esforço de controlo sobre os sistemas de informação e a extensa disseminação de propaganda internacional no sentido de moldar a opinião pública mundial assim como as elites de opinião (US Department of Defense, 2009, p. 10-12). Apesar dos esforços estatais no sentido de censurar os conteúdos de informação e o seu fluxo global, o crescimento das tecnologias de informação e da sua difusão torna difícil o controlo estatal.³⁵ No entanto, esta narrativa de expansão económica e desenvolvimento pacífico dentro de um pretenso sistema internacional multipolar tenta demonstrar que a China é injustamente representada nos círculos políticos e meios de comunicação ocidentais. A propaganda externa é por isso considerada como um instrumento estatal de comunicação estratégica. Desta forma, a eventual vantagem competitiva proporcionada por uma estratégia de comunicação assertiva procura equilibrar a assimetria militar com os EUA.

Uma Possível Resposta Americana...

“Furthermore, as a global power, the strength and influence of the United States are deeply intertwined with the fate of the broader international system – a system of alliances, partnerships, and multinational institutions that our country has helped build and sustain for more than sixty years. The U.S. military must therefore be prepared to support broad national goals of promoting stability in key regions, providing assistance to nations in need, and promoting the common good.”

Quadrennial Defense Review Report
February 2010

³⁵ Existem mais pessoas na China ligadas à internet do que a população total dos EUA.
<http://www.internetworldstats.com/stats3.htm>

Enquanto o fim da Guerra Fria abriu caminho aos idealistas, já a actuação recorrente da potência dominante, leva a concluir que “os Estados são mais obstinados do que obsoletos” e que após o 11 de Setembro o realismo parece estar de volta. A tradição histórica americana alterna entre uma orientação realista desenhada para conter a União Soviética e uma aproximação liberal com o intuito de dissolver os blocos regionais, conflitos comerciais e rivalidades estratégicas (Ikenberry, 2002). Nestas visões, o respeito pelas organizações internacionais e resolução dos conflitos por meios pacíficos contrasta com uma renovada visão das Relações Internacionais como uma luta entre o bem e o mal, onde os EUA emergem como libertadores da tirania mundial. A julgar pelo último discurso do Presidente americano em Oslo, a procura da paz perpétua através do recurso à guerra parece ser a pedra angular da Doutrina Obama. A manutenção destas “guerras de necessidade” (Obama, 2009)³⁶ impõe aos EUA a afirmação do domínio militar em todo o espectro de conflitos, incluindo os imperativos humanitários (Obama, 2009a).³⁷ Esta aproximação estratégica tem severos impactos económicos e morais. No entanto, não é possível encontrar consenso acerca dos efeitos económicos a longo prazo das guerras actuais. Os gastos totais quando comparados com os níveis históricos são relativamente modestos. Comparativamente ao Produto Interno Bruto, os gastos militares na Segunda Guerra Mundial ultrapassaram os 37%, enquanto os gastos com as três guerras em curso em pouco excedem os 6% (Teslik, 2008). No entanto, para além dos custos directos, as consequências económicas colaterais terão de ser tidas em consideração. A dívida externa, a volatilidade dos mercados petrolíferos e a incerteza geopolítica, são alguns dos factores que podem induzir consequências económicas distintas (Teslik, 2008). A somar a estes impactos económicos junta-se um sentimento de pessimismo e medo que, desde os últimos anos, se faz sentir nos EUA, com consequências gravosas em políticas de protecção do comércio, imigração e dos mercados (Zakaria, 2007).

Numa época em que a legitimidade é essencial para angariar apoio internacional configura-se como crítico que os EUA recuperem este instrumento intangível do poder nacional. Concordamos por isso com Richard Armitage e Joseph Nye quando defendem que a liderança americana no mundo pode ser restaurada através

36 Referência do Presidente americano acerca da guerra do Afeganistão como sendo uma guerra fundamental para a defesa do povo americano.

37 No discurso presidencial na Academia Naval em 22 de Maio de 2009, Barack Obama salientou, uma vez mais, a importância do instrumento militar estar preparado para lidar com todo o espectro de ameaças. Das ameaças tradicionais às não-convencionais, do estado nação às redes terroristas, passando pela disseminação de tecnologias letais e ideologias malévolas, até à pirataria ao estilo do século XVIII e à ciber-guerra do século XXI.

do emprego de uma estratégia de *smart power*, equilibrando coacção com atracção (Armitage e Nye, 2007). Embora esta proposta de antídoto para a política de negócios estrangeiros da administração Bush altere as formas e os meios, não difere nos fins, tendo como objectivo manter a liderança global. No entanto, a emergência de um mundo multipolar e a necessidade de liderança partilhada irão desafiar a tradução desta estratégia em política.

O conceito de *smart power* fornece uma nova aproximação optimística à política internacional dos EUA. Aceita a ineficácia de uma aproximação centrada no instrumento militar para resolver problemas futuros e relaciona a preeminência americana com a capacidade de manter uma liderança global. Implícita ao argumento destes autores está a promessa de legitimidade do *hard power* para alcançar interesses vitais, complementado com *soft power* para minimizar os gastos desnecessários de “sangue e tesouro”. Procura portanto aumentar as bases morais enquanto reduz os riscos e os custos. Isto é, *hard power*, como um instrumento de coacção, é uma aproximação directa de curto prazo. É facilmente mensurável, mas mais dispendiosa e ineficaz para resolver as causas profundas do problema. Por outro lado, *soft power* consubstancia a capacidade dos EUA inspirarem e persuadirem outros actores internacionais, sendo no entanto uma estratégia de longo prazo dado que os seus efeitos são difíceis de quantificar e depende de confiança, credibilidade e responsabilização. Por exemplo, as equipas provinciais de reconstrução destacadas no Afeganistão e no Iraque, constituídas por militares, diplomatas e peritos em reconstrução, contribuem para este desiderato ao promoverem esforços de reconstrução em áreas instáveis, facilitando uma capacidade de governação do estado mais efectiva.

Neste âmbito, a presença e influência crescente da China nas Relações Internacionais, por vezes envolta num manto de ambiguidade acerca das suas reais intenções, é percebida de forma incerta pela potência dominante, obrigando a uma estratégia de relacionamento multidimensional que possibilite um aumento gradual de confiança e interesses mútuos (US Department of Defense, 2010, p. 60).

Síntese Conclusiva

O mundo é hoje muito diferente daquele a que estávamos habituados durante a Guerra Fria. A ameaça existencial está terminada e com ela a necessidade dos EUA fornecerem uma protecção global contra a possibilidade de destruição nuclear massiva. Em outras palavras, com o advento da globalização actual, a destruição mútua assegurada deu lugar à dependência mútua irreversível. Para além disso, o terrorismo é uma ameaça tolerável que não deverá monopolizar a agenda política

internacional. Concomitantemente, a ascensão de outras potências com influência global tem impacto negativo na relevância económica e cultural dos EUA. Com estes desafios ao poder americano, a preeminência do seu domínio moral é também afectada. Assim, a legitimidade das suas acções está dependente da compreensão dos interesses dos outros actores internacionais e da vontade de encetar negociações e consensos multilaterais para a resolução dos problemas globais.

O equilíbrio entre os instrumentos militares e económicos com optimismo e esperança é uma proposta “inteligente” de acção estratégica para restaurar e legitimar a liderança global americana. No entanto, num futuro multipolar, a base para conquistar “corações e mentes” deverá ser a liderança pelo exemplo em vez da imposição unilateral de valores. Desta forma, converter palavras em política e acção, parece ser o principal desafio da estratégia de *smart power*. No entanto, o sucesso do *smart power* requer mais do que uma intenção optimista. Até que estas intenções sejam convertidas em compromissos políticos pragmáticos, não serão mais do que isso: ideais optimistas.

É nesta intersecção entre a globalização e a geopolítica que emergem novos perigos de confronto. As pressões da globalização, alterações climáticas, a competição por recursos escassos como a água e energia, a ascensão de outras potências e a perda de relevância das instituições internacionais, combinam-se para formar uma “tempestade perfeita” que irá influenciar negativamente o estatuto actual dos EUA. A superioridade militar dos EUA não encontra porém competidor à altura, pelo menos numa aproximação convencional confinada à dimensão tradicional do campo de batalha.

A mudança de propósito da economia global poderá facilitar a acomodação em vez da confrontação entre a China e os EUA. No entanto os desafios são de ordem global: democracia, prosperidade, estabilidade e viabilidade da globalização feita à medida da China. No entanto, com o gradual afastamento da dependência comercial com os EUA em favor de outros blocos económicos como a UE ou a África, a China terá menos razões para aquiescer aos desígnios americanos. No futuro, teremos que juntar às causas da guerra, para além da ideologia, nacionalismo, etnicidade e religião, também o factor económico resultante da alteração da balança de poder internacional.

Com a ascensão de outras potências regionais deveremos questionar acerca das suas reais ambições. Continuarão numa esfera regional ou serão estendidas a um plano global? No caso da China, a sua trajectória de ascensão é feita com um íngreme declive. No entanto, este trajecto poderá ser radicalmente alterado por eventos inesperados. Discórdia interna, desastres naturais, recessões mundiais, crise de Taiwan, ou uma combinação de factores podem alterar as estimativas.

A ascensão da China depende de dois referenciais: tempo e espaço. Ambas as variáveis estão dependentes da interação com os EUA. Consta-se então, pela análise sumária dos instrumentos de poder, que a China tem vindo a expandir a sua influência em termos de espaço, a uma velocidade inigualável e sustentada por um pilar económico em contínua expansão. Como consequência do aumento de prosperidade, segurança e estatuto, a China está por isso menos disposta a aceitar as pressões dos EUA, demonstrando até períodos de relativa insubmissão. O facto de a China (ainda) não procurar concretizar os seus objectivos de política externa através da expansão territorial, intervenção militar, destacamento de forças, ou patrocínio de estados párias ou organizações terroristas, parece indicar uma intenção de não afrontamento aos EUA. Nesse âmbito, a sustentação do seu crescimento tem vindo a assentar no aumento da importância do instrumento económico privilegiando o uso de *soft power* para expandir a sua influência através da atracção política, cultural e económica. Restará saber se esta acumulação de poder será suficiente para garantir as ambições geoestratégicas chinesas.

Uma coisa parece ser clara, a ascensão da China, mesmo pacífica, irá induzir fricções com os outros actores do sistema internacional, nas vertentes de comércio, defesa ou políticas globais como a ambiental. Nesse âmbito, face à avassaladora assimetria militar americana, a China ver-se-á forçada a desenvolver uma estratégia militar adequada que sustente as suas ambições políticas.

Em suma, a análise efectuada sustenta a tese inicial. Na realidade, o momento unipolar a que assistimos na década de 90 foi isso mesmo, um momento efémero. Resta agora aos EUA recuperar a legitimidade perdida por anos de decisões unilaterais e reafirmar a sua capacidade de liderança para se ajustar a uma nova ordem pós-americana. Qualquer que seja o desenrolar do futuro, sabemos que a ascensão de uma nova potência tem sido historicamente acompanhada de incertezas e inquietações, dando por vezes origem a conflitualidade hostil. Restará saber se a crença na inevitabilidade do conflito com a China não passará do campo de uma profecia anunciada para uma realidade histórica (Nye, 2002, p. 12).

Algumas perguntas ficam, contudo, sem resposta. Como é que a China irá conciliar a aplicação das suas capacidades crescentes com a expansão dos seus interesses globais? Como é que esta relação irá alterar as percepções, objectivos e políticas? Ou melhor, com a expansão das suas capacidades e dos seus interesses globais, estará a China mais inclinada para uma confrontação hostil com os EUA? E em caso afirmativo, qual será a estratégia adequada? A exploração destas perguntas será crucial para melhor compreendermos a natureza e carácter da conflitualidade hostil num mundo cada vez mais multipolar.

Bibliografia

- AJP 01 (C), (2006). *Allied Joint Doctrine*. Brussels: NATO.
- Almeida, João Marques de, (s.d.). *Hegemonia Americana e Multilateralismo*. [Em linha]. Lisboa: IPRI. Disponível em: <<http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=5&ida=30>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Anderlini, Jamil, (2010). "China's foreign reserves hit \$2,399bn." [Em linha]. *FT.com* (15Jan2010). Disponível em: <<http://www.ft.com/cms/s/0/34801486-01c4-11df-b8cb-00144feabdc0.html>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Anderson, Eric; Engstrom, Jeffrey, (2009). *China's use of perception management and strategic deception*. Washington D.C.: U.S.-China Economic and Security Review Commission.
- Armitage, Richard; Nye, Joseph, (2007). *CSIS Commission on Smart Power: a smarter, more secure America*. Washington D.C.: Center for Strategic and International Studies,.
- Atkins, Ralph; Dyer, Geoff, (2010). "China confirmed as world's top exporter". [Em linha]. *FT.com* (9Fev2010). Disponível em: <<http://www.ft.com/cms/s/0/35de8406-155c-11df-8f05-00144feab49a.html>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- BP, (2009). *BP Statistical Review of World Energy June 2009*. [Em linha]. 2009. Disponível em: <http://www.bp.com/liveassets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2008/STAGING/local_assets/2009_downloads/statistical_review_of_world_energy_full_report_2009.pdf>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Bunker, Robert, (2007). *Testimony before the U.S.-China Economic and Security Review Commission: Beijing, unrestricted warfare, and threat potentials*. [Em linha]. Disponível em: <www.uscc.gov/hearings/2007hearings/transcripts/mar_29_30/bunker.pdf>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- China and U.S. Battle for African Oil "intense", (2009). [Em linha]. *PR Newswire* (30 Julho 2009). Disponível em: <<http://www.world.xorte.com/0,6,China-and-U-S-Battle-for-African-Oil-Intense,10346.html>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Dally, Lester; Al-Arief, Mohamad, (2009). *China's economic growth is likely to remain robust, but the costs of keeping policy expansionary increase over time*. [Em linha]. World Bank, (4Nov2009). Disponível em: <<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/COUNTRIES/EASTASIAPACIFICEXT/CHINAEXTN/0,,>

- contentMDK:22375124~pagePK:1497618~piPK:217854~theSitePK:318950,00.html>.
[Consultado em 26 Nov. 2010].
- Daly, John, (2008). Feeding the Dragon: China's quest for African minerals. [Em linha]. The Jamestown Foundation: *China Brief*, Vol. VIII, Issue 3 (29Fev2008). Disponível em: <http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews%5Btt_news%5D=4694>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Defarges, Philippe, (2003). *Introdução à Geopolítica*. Lisboa: Gradiva.
- Dougherty, J; Pfaltzgraff, R., (2003), *Relações Internacionais: Teorias em Confronto*. Lisboa: Gradiva.
- European Commission, (2010). *Trade China*. [Em linha]. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/trade/creating-opportunities/bilateral-relations/countries/china/>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Fedec, Anna, (2010). "China GDP Growth Rate", [Em linha] *Trading Economics* (14Mar2010) Disponível em: <<http://www.tradingeconomics.com/Economics/GDP-Growth.aspx?Symbol=CNY>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Fernandes, António, (2009). *Seminário "Conceitos de Relações Internacionais"*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 19 de Novembro de 2009.
- Fukuyama, Francis, (1999). *O fim da história e o último homem*. Lisboa: Gradiva.
- Fulghum, David, (2009). "Digital goes viral", *Aviation Week & Space Technology*. (9Nov 2009) 74-78.
- Gaspar, Carlos, (2008). *As crises da unipolaridade*. [Em linha]. Lisboa: IPRI. Disponível em: <<http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=3&ida=325>> [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Geis, John [et al.], (2009). "Blue Horizons II: future capabilities and technologies for the Air Force in 2030. Executive Summary", *Occasional Paper* Nr. 65. Center for Strategy and Technology. Montgomery: Air University Press.
- Grimmett, Richard, (2009). *Conventional arms transfers to developing nations, 2001-2008*. Washington D.C.: Congressional Research Service.
- Hammes, Thomas, (2007). "Fourth Generation Warfare Evolves: Fifth Emerges", *Military Review*. (May/June 2007) 14-23.
- Hanson, Stephanie, (2008). *China, Africa, and Oil*. [Em linha]. Council on Foreign Relations, 6 Junho 2008. Disponível em: <<http://www.cfr.org/publication/9557/>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
-

- Harris, Shane, (2008). "China's Cyber-Militia", [Em linha]. *National Journal Magazine*. (31Maio 2008). Disponível em: <http://www.nationaljournal.com/njmagazine/cs_20080531_6948.php> <http://www.internetworldstats.com/stats3.htm> [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Ikenberry, G. John, (2002). "America's imperial ambition", *Foreign Affairs*. New York: Council on Foreign Relations. 81:5 (September/October 2002).
- Ikenberry, G. John, (2006). "America's security trap, Part II". [Em linha]. *TPMCafe: America Abroad*, 28th April 2006. Disponível em: <<http://www.tpmcafe.com/node/29317>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Jakobson, Linda, (2010). "China prepares for an ice-free Arctic", *SIPRI Insights on Peace and Security* nr. 2010/2. Stockholm: SIPRI.
- Johnston, Iain, (1998). *Cultural Realism: Strategic Culture and Grand Strategy in Chinese Culture*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Kagan, Robert, (2003). *O paraíso e o poder*. Lisboa: Gradiva.
- Kane, Thomas, (2006). *Theoretical Roots of US Foreign Policy: Machiavelli and American Unilateralism*. New York: Routledge.
- Khanna, Parag, (2008). *The Second World: empires and influence in the New Global Order*. New York: Random House.
- Kirk, Jeremy, (2008). "Estonia, Poland Help Georgia Fight Cyber Attacks", [Em linha]. *IDG News Service* (12 August 2008). Disponível em: <http://www.cio.com/article/443314/Estonia_Poland_Help_Georgia_Fight_Cyber_Attacks>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Krepinevich, Andrew; Martinage, Robert; Work, Robert, (2008). *The Challenges to US National Security: Strategy for the Long Haul*. Washington DC: Center for Strategic and Budgetary Assessments.
- McAfee Report, (2008). *Virtual Criminology 2008*. Santa Clara, CA: McAfee, Inc.
- Medeiros, Evan, (2009). *China's international behavior: activism, opportunism, and diversification*. Santa Monica: RAND.
- Moreira de Sá, (2009). "Política Externa da Administração Obama". Seminário, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 12 de Novembro de 2009.
- Nye, Joseph, (2002). *Compreender os conflitos internacionais*. Lisboa: Gradiva.
- Nye, Joseph, (2005). *O paradoxo do poder americano*. Lisboa: Gradiva.

- Obama, Barack, (2009). [Em linha]. *Discurso em 17 de Agosto de 2009 no Arizona*. Disponível em: <http://www.realclearpolitics.com/articles/2009/08/17/fulfilling_americas_responsibility_to_those_who_serve_97920.html>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Obama, Barack, (2009a). [Em linha]. *Discurso em 22 de Maio de 2009 na Academia Naval* Disponível em: <http://www.realclearpolitics.com/articles/2009/05/22/obama_commencement_annapolis_navy_transcript_96630.html>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Rappeport, Alan, (2010). "China losing appetite for U.S. debt", [Em linha]. *CNN.com* (16Fev2010) Disponível em: <<http://www.cnn.com/2010/BUSINESS/02/16/china.us.treasures/index.html>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Ribeiro, José, (2009). *Como analisar a globalização e a crise financeira como parte da sua dinâmica*. Seminário, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 5 de Novembro de 2009.
- Rodrigues, Teresa; Leal, Catarina, (2009). *Estudos da Globalização: Perspectivas e Metodologias*. Seminário, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 10 de Dezembro de 2009.
- Rosling, Hans, (s.d.). *India's per capita income will overtake US, UK by July'48*. [Em linha]. Disponível em: <<http://economictimes.indiatimes.com/opinion/interviews/Indias-per-capita-income-will-overtake-US-UK-by-July-48-Hans-Rosling/articleshow/5213661.cms>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Ruggie, John, (2003). "American Exceptionalism, Exemptionalism and Global Governance", in *American Exceptionalism and Human Rights*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Scahill, Jeremy, (2007). "Outsourcing the War", [Em linha]. *The Nation* (11Mai2007). Disponível em: <<http://www.thenation.com/doc/20070528/scahill>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Scobell, Andrew, (2003). *China's use of military force: beyond the great wall and the long march*. New York: Cambridge University Press.
- Singer, Peter, (2009). *Wired for War*. New York: Penguin Press.
- Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), (2009). *SIPRI Yearbook 2009 Summary: Armaments, Disarmament and International Security*. International Peace Research Institute. Oxford: Oxford University Press.

- Sweeney, John; Jens Holsoe, Jens; Vulliamy, Ed, (1999). "NATO bombed Chinese deliberately", [Em linha]. *The Guardian* (17 Out 1999). Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/1999/oct/17/balkans>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Szayna, Thomas [et al.], (2001). *The emergence of peer competitors: a framework for analysis*. Santa Monica: RAND.
- Teixeira, Nuno, (2010). *Política Europeia de Segurança e Defesa*. Seminário, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 7 de Janeiro de 2010.
- Teslik, Lee, (2008). "Iraq, Afghanistan, and the U.S. Economy", [Em linha]. *Council on Foreign Relations*, 2008. Disponível em: <<http://www.cfr.org/publication/15404/>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Tzu, Sun, (1963). *The Art of War*. Translated by Samuel B. Griffith. Oxford: Oxford University Press.
- United States of America, (2002). *National Security Strategy of the United States of America*. Washington D.C.: White House.
- US Department of Defense, (2009). *Annual Report to Congress: Military Power of the People's Republic of China 2009*. Washington, D.C.: Office of the Secretary of Defense.
- US Department of Defense, (2010). *2010 Quadrennial Defense Review Report*. Washington D.C.: Department of Defense.
- US Energy Information Administration, (s.d.). *China Energy Profile*. [Em linha]. Disponível em: <http://www.eia.doe.gov/country/country_energy_data.cfm?fips=CH>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- US-China Economic and Security Review Commission, (2009). *2009 Report to Congress*. Washington D.C.: U.S. Government Printing Office.
- Vicente, João, (2007). *Guerra em Rede*. Lisboa: Prefácio.
- World Bank, (s.d.). *Key Development Data & Statistics*, [Em linha]. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- World Energy Organization, (2010). *World Energy Outlook 2010: Fact Sheet*. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.worldenergyoutlook.org/docs/weo2010/factsheets.pdf>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].

- World Trade Organization, (2009). *International Trade Statistics 2009*. Geneva: World Trade Organization.
- Xuegang, Zhang, (2008). "China's energy corridors in Southeast Asia", [Em linha]. The Jamestown Foundation: *China Brief*, Vol. VIII, Issue 3 (31Jan2008). Disponível em: <http://www.jamestown.org/programs/chinabrief/single/?tx_ttnews%5Btt_news%5D=4693&tx_ttnews%5BbackPid%5D=168&no_cache=1>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Zakaria, Fareed, (2007). "Beyond Bush: what the world needs is an open, confident America", [Em linha]. *Newsweek* (11Jun2007). Disponível em: <<http://www.fareedzakaria.com/articles/newsweek/061107.html>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].
- Zakaria, Fareed, (2008). *The Post-American World*. New York: Norton & Company.
- Zhang, Yongjin, (2005). *China goes global*. [Em linha] Foreign Policy Centre. Disponível em: <<http://fpc.org.uk/fsblob/449.pdf>>. [Consultado em 26 Nov. 2010].